ANO 13.°—N.° 633. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO Guimarãis, 19 de Março-1944

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A—L° e 2.° Andar—Telef. 4313. Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranense—Telef. 4177—Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

AVENÇA VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## A Sombra Branca

Naquela manhã de Julho último, os aviões de guerra tinham sobrevoado Roma, algumas toneladas de bombas tinham caído pouco antes sôbre os bairros excêntricos da capital, imensos clarões, do lado da Porta Tiburtina e de S. Lourenço, incendiavam ainda o céu e envolviam de fumo crepitante os Montes Albanos. A cidade magnífica, rasgada de mil feridas, resplandecia ao sol de verão.

Um automóvel fechado esperava o Papa, no Pátio de S. Dâmaso. Ràpidamente, seguido apenas de dois prelados da côrte pontifícia, o vulto esguio, erecto, de Pio XII desenhou-se no largo contôrno da porta do Palácio. A guarda suíça apresentou armas. A carruagem partiu, dobrou, no interior da Cidade do Vaticano, a Via delle Fondamenta, circundou a Basílica, entrou na Praça de S. Pedro e, poucos minutos depois, através da Via Lungotevere Gianicolo, seguia, em direcção a Transtevere, a linha dormente e amarelada do Tibre.

No fundo do automóvel, Pio XII, mais pálido do que nunca, olhava silenciosamente, através das vidraças, cerradas, a multidão que, afluíndo de tôdas as ruas e pátios adjacentes, se comprimia junto ao cais.

Durante mais de três quartos de hora, tôda a população de Roma estivera debaixo da flagelação do fogo. Os estampidos ressonavam ainda, abalando cúpulas, abatendo muralhas, abrindo crateras, como se um imenso furor sísmico tivesse sacudido o solo e desencadeado sôbre a urbe tranqüila o extermínio e o pavor. Nuvens de terra e fogo desciam, dispersas pelo vento, sôbre as colinas, desfaziam-se sôbre os telhados, corriam em flocos de sombras rubras sôbre o horizonte entumecido. Ouvia-se ainda o clamar das sereias e dos sinos.

Correra, célere, em tôda a cidade a notícia trágica: o bairro universitário estava em chamas, centenas de casas, nos populosos subúrbios de S. Lourenço, jaziam em escombros, milhares de pessoas sepultadas sob os destroços — e, num montão de ruínas, às portas do cemitério do Verano, outrora cemitério de mártires, a Basílica, construída pelo Imperador Constantino e por Sisto III, com o seu velho cláustro, era uma fornalha de cinzas incandescentes. Outros destroços fumegavam na cidade — mas fôra naqueles lados, na direcção do Monte Parioli, que o fogo das asas da Morte, rolando na tempestade dos motores, concentrara o seu furor vulcânico.

Pio XII recebera a informação na sala da Biblioteca Privada, de onde avistara, a distância, o desencadear da tragédia. A face vincada pela dor, pronunciara uma ordem breve a dois dos seus familiares e partira para o local do maior sinistro.

Enquanto o automóvel atravessava a Ponte Garibaldi, cortava as praças estreitas que se debruçavam sôbre o rio, em direcção à Via Cavour, cruzando as viaturas da Cruz Vermelha, a multidão mal tinha tempo de se aperceber, olhando o escudo e os emblemas pontifícios sôbre o fundo negro das portinholas cerradas, de que dentro daquele carro o Papa, quási só, atravessava Roma.

Quando o Pontífice chegou, rompendo por entre as alas do povo, que, reconhecendo-o, se descobria, entre gritos lancinantes cortando o espaço, começavam a afluír os primeiros socorros. Pio XII pôde ainda abeirar-se da Basílica desmoronada, defendida por uma extensa guarda de soldados. Apeou-se. Ajoelhou, orou. Duas lágrimas correram em fio dos olhos, cansados pelas vigílias, do herdeiro de Pedro. Com êle ajoelhara a multidão.

Um silêncio imenso, que só o crepitar ainda do fogo e o clamor dos feridos interrompiam, desceu sôbre a devastação dos homens. Depois, o Papa ergueu-se, caminhou longamente a pé, até junto das macas e dos escombros. Braços suplicantes, torcidos pelo sofrimento, chamavam-no através daquele mar de sangue e de pó. E a Sombra Branca avançava, inclinava-se, as suas mãos trémulas desenhavam no ar a bênção que descia em cruz — a cruz do sofrimento e do perdão.

Uma criança ensangüentada passava, ao colo. O Papa curvou-se mais, os seus lábios tocaram a fronte morta que um derradeiro estertor ainda contraía. A sua túnica varria o chão, tocava os corpos exangues, passava, detinha-se, como uma longa, pálida, delgada flor de luz.

Num dado momento o Pontífice voltou-se, destacou-se da multidão, parou. Quando o viram retomar o caminho em direcção ao automóvel que o esperava, uma enorme, húmida nódoa de sangue, manchava as suas vestes alvas. E êsse círculo vivo, gotejando sofrimento, era a imagem do sangue de dois mil anos, do sangue da infinita agonia humana, que Cristo quisera redimir, da própria Humanidade e do seu dilacerante destino — no seu apêlo, inútil e eterno, à branca sombra da Justiça e da Piedade, perpètuamente maculada de dor.

Uma hora depois, na Biblioteca Privada, sentado à secretária que um grande crucifixo de prata domina, Pio XII por certo meditou. O seu pensamento elevou-se acima do espectáculo que vira, do drama que presenciara, das torturas que os seus olhos haviam tocado e cujas crispações ainda tinha nas pupilas e nos ouvidos — e dominava a visão das Nações e dos Continentes devastados, dos campos de batalha, onde milhões de homens se batiam sem mercê, dos espectros inevitáveis da guerra, hospitais e ruínas, desesperos e túmulos entreabertos — naufrágio de amargura sem fim. As chamas de Roma eram apenas uma ínfima parcela do incêndio implacável que devorava o Mundo — e que tôda a misericórdia dos corações não poderia extinguir. Sôbre a sua túnica a nódoa de sangue alastrava ainda — como sôbre a luz da Terra a mancha rubra da Morte.

Foi essa Sombra Branca, por entre as negras sombras que nos cercam, que ante-ontem, na *loggia* de S. Pedro, ergueu mais uma vez a sua súplica a Deus e aos Homens, pedindo a Paz. E essa Voz, solitária e incompreendida, sôbre a grande Praça, onde a multidão se comprimia para a escutar, é o símbolo do imenso brado humano, doloroso e impotente, à generosidade, à reconciliação, à grandeza da Vida — contra o extermínio e o Ódio.

No Mundo, o sangue maculará sempre o Amor.

## A PROCISSÃO DE PASSOS

### REALIZA-SE NO PRÓXIMO DOMINGO

No próximo domingo, dia 26, realiza-se, nesta cidade, se o tempo o permitir, com a costumada imponência, a ma-

A formosíssima Imagem do Senhor dos Passos de Guimarãis

jestosa Procissão de Passos, que aqui costuma atraír muitos milhares de forasteiros e que é, sem dúvida alguma, um dos mais sumptuosos cortejos religiosos que se realizam no país.

No grandioso préstito incorporar-se-ão as Irmandades dos Santos Passos e da Misericórdia, o Seminário da Costa e o clero da cidade, assim como um elevado número de figurado ricamente pôsto, representando vários quadros alusivos à Paixão.

A Procissão saírá às 17 horas do templo dos Santos Passos, percorrendo o itinerário do costume.

Junto dos «Passos», espalhados pela cidade, um conjunto de vozes executará cânticos alusivos, sendo o religioso préstito abrilhantado pela banda dos B. Voluntários.

No sábado, dia 25, à noite, realizar-se-á a solenidade de Lázaro, naquele templo, o qual ostentará riquíssima decoração de veludo roxo e cetim branco. Estarão em exposição a partir das 21 horas, em seus ricos andores, as formosíssimas Imagens do Senhor dos Passos e da Senhora da Soledade, assim como as riquíssimas alfaias da Irmandade.

O templo estará profusamente iluminado e no côro far-se-á ouvir um grande grupo coral com acompanhamento a orquestra.

Os fiéis afluirão, como é tradicional, em grande número, orando e levando até junto da Milagrosa Imagem do Senhor dos Passos as suas promessas como reconhecimento por muitas graças recebidas.

## CARTA DA PRIMAVERA

*"E' verdade — não queriam que eu viesse, mas afinal cá estou.*

*Atravessei neves e molhei-me tôda porque não tenho impermeável; julguei que nunca mais se apagassem as salamandras e mandei as minhas andorinhas como arautos — mas a nada o maçador do inverno se movia. Estava bem agarrado e, francamente, pouco versado em assuntos de etiqueta... pois não sabe que, a uma senhora, se lhe dá sempre a primazia na passagem. E' dêstes rabugentos que, nos eléctricos, usam óculos escuros e se enfiam pelos livros dentro para não verem as senhoras que, na coxia, vão aos baldões dos solavancos e do empilhamento.*

*Mas agora, adeus antipático inverno, mexe-te, desaparece: quem manda aqui sou eu.*

*E decreto várias coisas, numa programação leve que fàcilmente pode ser cumprida:*

**— Na Moda:** — *Chapéus cada vez mais malucos, em orgias de turbantes arranha-céus. Casacos de tarde com saias rodadas profusamente. Corpos todos em franjas. Muitos* drapés. *Cinta fina. Casaquinhos de veludo sôbre saias de fazenda.* Tons: *cinzento, canela, castanho, mel, beije-rosado, azul Delft, preto.*

**— Na Lingerie:** — *Último grito: a roupa de noite guarnecida no mesmo estilo que o lençol e o almofadão. Incrustações, fios tirados, bordados.*

**— Na Literatura:** — *Certa livraria do Pôrto organizou um* Concurso de Contos. *Qual será o autor premiado? Esperemos pela decisão do júri que sabemos estar muito atrapalhado, pois para haver um "contente" quantos descontentes nascerão?!...*

**— No Jornalismo:** — *Já se aproxima a colorida efervescência do "Vestido de Chita" do* Jornal de Notícias. *Quanta casita humilde está já abrindo as janelas para deixar entrar o simpático raio dourado da possibilidade e da esperança?!...*

**— Na alma:** — *A primavera que inunda a alma e mata a ansiedade só pode ser uma — que venha depressa, a palavra bendita, pequenina como um sorriso, imensa como o infinito: paz.*

*Um abraço da tão vossa amiga*

*PRIMAVERA".*

*Pela cópia,*

*Aurora Jardim.*

## Vitória Sport Club

A Direcção do Vitória reüniu, há dias, alguns dos seus consócios mais dedicados, a quem expôs a necessidade da construção de um novo campo de jogos.

A idéia mereceu a aprovação de todos e uma subscrição aberta para êsse fim atingiu imediatamente algumas dezenas de contos.

## GAZETILHA

Depois de já ter jantado,
parceiro pouco alentado
foi a casa dum amigo.
Mas p'ra o não prejudicar,
quando alguém fôr visitar,
o seu nome aqui não digo.

Pois o citado sujeito,
com pouca *tábua* de peito,
deu provas de comer bem...
Em certa sala onde entrou,
logo a «moer» começou,
sem esperar por ninguém.

Meio galo, abonado,
com batatas, foi tragado...
Comeu trigo e comeu pão,
lampreia de cebolada,
pão de ló e carne assada
e um cento de camarão.

— E inda ia uma omolete,
das tais que chegam p'ra sete,
dizia êle, contente.
— Se não tivesses ceado,
pensei eu, atrapalhado,
até comias a gente!...

Bebeu do «tinto» e do «Pôrto»,
champanhe, e não ficou torto
com três *whiskys* naturais.
Só um soluço teimoso,
e um risinho lacrimoso,
o apertavam demais...

Neste tempo tão bicudo,
«Sebastiões comem tudo»
são sujeitos p'ra temer.
— Mas se alguém não acredita,
leve-os a casa em visita,
e depois... fica a saber.

BELGATOUR

## Sociedade Martins Sarmento

Realizou-se no passado dia 16 a eleição dos corpos gerentes desta benemérita Instituição Cultural, tendo-se verificado o seguinte resultado:

*Efectivos* — Alberto Alves Vieira Braga, Alberto da Costa Guimarãis, António Lopes de Carvalho, Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha (Dr.), Francisco de Assis Pereira Mendes, José Luís de Pina, Ricardo de Freitas Ribeiro (Dr.).

*Substitutos* — Eduardo d'Almeida (Dr.), Francisco Rodrigues Martins da Costa (Aldão), João Afonso de Almeida (Dr.), João Rocha dos Santos (Dr.), José Maria de Moura Machado (Dr.), José Maria Pereira de Castro Ferreira (Dr.), Mário de Vasconcelos Cardoso (Tenente-coronel).

## Agradecimento

*O grupo de amigos e admiradores do egrégio português Henrique de Paiva Couceiro, promotor das homenagens fúnebres prestadas à sua memória, vem agradecer reconhecidamente a todos aqueles que a elas assistiram ou se fizeram representar e, ainda, ao digno Arcipreste Senhor P.e João do Carmo da Cruz Magro e Senhores P.es Luís Gonzaga de Sousa da Fonseca e Gaspar Nunes, aos Senhores Eugénio & Novais e às Oficinas de S. José, pelo valioso e gratuito auxílio que prestaram às solenidades religiosas. A' Imprensa também agradece o seu concurso.*

## VAI REALIZAR-SE MAIS UM Concerto Cultural

Estamos em vésperas de um grande acontecimento artístico.

E' já no próximo dia 22

D. Juliana Falconiéri de Oliveira
Harpista

que, conforme temos noticiado, se realiza no salão-ginásio do Liceu Martins Sarmento mais um concerto cultural da série que a Sociedade Filarmónica se propôs realizar e tem levado a cabo com um êxito que nunca é de mais encarecer.

D. Beatriz Couto
Violinista

Desta vez teremos o prazer de ouvir as distintíssimas Artistas D. Juliana Falconieri e D. Beatriz Couto, assim como o distinto Artista Celso de Carvalho, e, ainda, o brilhante Maestro José Neves, que os vimaranenses conhecem e cujas qualidades de talento de há muito admiram já.

Celso de Carvalho
Violoncelista

Teremos, pois, na quarta-feira, mais uma noite de Arte a que não faltará por certo a sociedade elegante de Guimarãis para ouvir e aplaudir as pessoas que nos visitam em nova e sensacional embaixada de Arte.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarãis»

# O horroroso belo

Gosto de ouvir a chuva a horas mortas
Bater-me nas vidraças...
O vento a uivar nos campos e nas hortas
As suas litanias e revoltas,
Agoiros e desgraças...

Gosto de ouvir o mar em vagalhões
E as ondas revoltadas...
O mar, o grande mar que tem milhões
De monstros mais terríveis que leões
De garras aceradas...

Gosto de ver o céu de plúmbeas pregas
Furadas por coriscos...
Ouvir do infinito mil refregas,
Formidáveis trovões nas núvens negras
E luminosos riscos...

Mas o mais belo, o horroroso belo,
E que grandeza tem,
E' ver-te em plena rua e em cabelo,
De rosto contraído e amarelo,
Zangada com alguém...

Março de 1944. DELFIM DE GUIMARÃIS.

# No meu cantinho

Sempre a gente enganada em seu pensar!

Há muitos anos que a minha memória retinha o nome de Moniz Barreto com uma funda simpatia e atracção.

Quando agora a Bertrand lançou a público o lindo volume dos seus **Ensaios de Crítica**, deixei em velho descanso tantos volumes adormecidos e agarrei-me ao recém-chegado.

Foi uma semana certinha de leitura deliciosa.

O volume corria sempre e sempre enfeitiçante.

Eis senão quando, ao chegar ao remate, aparece-me a crítica de Paul Bourget sôbre o famoso romance *O Discípulo* e, nem sei como, veio-me um enfastiar de tal ordem que tive de arrancar um latinzinho e comentar no fecho:

*Non semper verum est — Finis coronat opus.*

(Nem sempre é verdade: — O fim coroa a obra).

Já sei: é tal a minha repugnância pelos romances que até um estudo dos mais afamados me aborrece e deixa em desalento.

E lá fugiu a simpatia inteira!

* * *

E já me esquecia a referência às trinta e quatro páginas de cursivo miúdo em que Vitorino Nemésio analisa, como adaptada introdução, a obra e o carácter e o valor de Moniz Barreto.

Essa introdução é um belo pórtico do formoso edifício cujas águas-furtadas me cansaram o coração.

E' preciso poupar o pobrezinho.

*G.*

## Transcrição

O nosso fundo de hoje, intitulado «A Sombra Branca», é transcrito do nosso ilustre colega da Capital «Diário de Notícias».

# As nossas Oficinas

Está hoje em festa uma das mais simpáticas Instituïções de Beneficência de Guimarãis — as beneméritas Oficinas de S. José, onde uma centena de rapazinhos órfãos são cuidadosamente educados e preparados para a vida.

De ano para ano as nossas queridas Oficinas apresentam sempre coisas novas, motivos fortes de atracção para aqueles que acompanham a vida dessa modelar casa de beneficência, com aquele carinho que devem merecer-nos, a todos, essas belas instituïções.

Nesta romagem que todos os anos os vimaranenses, em número consolador, vêm fazendo às nossas Oficinas de S. José, há sempre fortes motivos de emoção que calam profundamente nos nossos corações.

As Oficinas são um exemplo dignificador de Trabalho e de Ensino! Precisamos, pois, de ampará-las.

*

O nosso prezado conterrâneo e amigo Sr. José da Costa Santos Vaz Vieira e sua espôsa a Sr.ª D. Amélia Figueira de Sousa Vaz Vieira, doaram, sem quaisquer encargos, às Oficinas de S. José, desta cidade, um grande campo, chamado Atalho, da sua propriedade denominada de «Alvim», que confina com terrenos das Oficinas, campo êsse que, tendo o rendimento de alguns carros de medidas, é de valor muito apreciável.

O Sr. José da Costa Vaz Vieira, que pertence ao número das pessoas que fundaram as beneméritas Oficinas de S. José, tem dispensado, sempre, à mesma instituïção, o seu maior carinho e simpatia

O seu recente gesto é prova suficiente do muito que quere às Oficinas e merece por isso mesmo o nosso louvor.

Para calçado, recomendamos a V. Ex.ª a SAPATARIA LUSO

## Ainda a Homenagem a Paiva Couceiro

Nas homenagens fúnebres prestadas, há dias, no templo da Misericórdia, à memória do Comandante Paiva Couceiro, a que já fizemos referência, fizeram-se também representar: A V. O. T. de S. Francisco, pelo seu Ministro Sr. Gaspar Ferreira Paúl; o Liceu de Martins Sarmento, pelo professor Sr. Dr. António de Jesus Gonçalves; o Provedor da Irmandade dos Santos Passos, pelo Sr. P.e José Carlos Simões de Almeida; os Srs. Alfredo Guimarãis, director do Museu de Alberto Sampaio, D. José Ferrão e Major Alberto Margaride, pelo Sr. Capitão João Gomes de Abreu Lima.

# Crónica Tripeira

## PRESUNÇÃO E AGUA BENTA...

Esta croniqueta não vai do Pôrto. Estou bastante longe, a muitos quilómetros dessa cidade «infecta», como a qualificava Eça de Queiroz numa carta a Oliveira Martins.

Da janela do meu quarto avista-se o céu, a rua e, a cêrca de cem metros, outra rua com as suas casas alinhadas. Em frente, fica o mercado... do que há, hoje, para vender. E' um quarto simples, um quarto de ambulantes, um quarto que é tanto meu como já o foi de cem ou duzentos outros, quarto de hotel a que a gente raras vezes se acostuma. Mas êste quarto, quando me fôr embora, vai deixar-me cinco reis de saüdade. E' que, em frente, numa dessas casas de que falei, mostra-se de vez em quando uma rapariga que me parece loira, que me parece gorda e que me parece baixa, mas não sei dizer se é bonita porque nunca a vi mais perto. Ela olha... volta para dentro... torna a espreitar... Mas olha o quê?! O céu? As mulheres de hoje já não olham para o céu. Será o olhar de matreira? Será o olhar de atrevida? Será o olhar de mexericona? Que olhar será aquêle? Não sei. Mas o que sei é que êste olhar me torna o quarto mais quente, apesar de estar virado para o ocaso e apesar de não esperar dêle nem sequer uma palavra amiga.

Estranho nesta terra, ninguém se admirou. O meio é relativamente grande. Pouco movimento, pouca vida, ruas tortas e estreitas, sem passeios e mal empedradas, comércio fechado às 18 1/2 horas, cafés às moscas, clubs sem entusiasmo, mas a cidade não se pode dizer mesquinha. Tem bons prédios, é espaçosa, ostenta montras à moda lisboeta ou portuense. De resto, a cidade quere ser alguém, tem pretenções, porque é capital de Distrito.

E o povo? O povo é aristocrata, sr. doutor para aqui, sr. doutor para acolá, sr. engenheiro isto, sr. engenheiro aquilo, sr. capitão assim, sr. comandante assado. (Eu embirro com terras de muitos doutôres, porque me lembro que ficam desdoutorados). Esta gente tem a mania do brazão. E' uma grande doença. Tão grande que é incurável. Nem as farmácias têm pílulas para a combater. Nasce por estupidez e só morre com a morte.

Brazão? Aristocracia? Pergaminhos? No século XX ainda existirá disso? Os que pensam em tal não têm olhos. Estamos na época do volfrâmio, estamos no tempo em que o dinheiro é que manda. Um anel de conde, visconde ou marquês não vale quinhentos gramas daquêle minério, depois de purificado pela separadora.

De que te aproveita seres doutor, se, mexendo nos bolsos do colete, não encontras lá dez tostões para um café? De que te serve, sirigaita espartilhada, descenderes do sr. Barão Qualquer Coisa, se andas com os sapatos em mísero estado, ao passo que as outras, as filhas do Zé mineiro e da Micas costureira, possuem bons «tailleurs», bons casacos de peles, boas pulseiras de oiro?

Nobreza? Linhagem? Já ninguém acredita nisso. São promissórias que não rendem juros, porque a casa emitente — a Dignidade — faliu. O dinheiro é que risca. A aristocracia, sem aquilo com que se compram os melões, morre asfixiada dentro das suas casas ancestrais, porque não pode competir com o luxo, a elegância, a boa figura — e o século é dos vaidosos, dos elegantes e daquêles que, para fazerem boa figura, acabam muitas vezes por fazerem figura de urso.

De resto, reparai vós, os que blasonais de sentir nas veias o sangue de príncipes: O cauteleiro da rua, a vendedeira de fruta, o amola tesouras e navalhas também pertencem à alta estirpe. Se começardes a andar para trás, sempre para trás, vereis que procedem do mesmo tronco, são ramos da mesma árvore, porque, indo de filho para pai, de pai para avô, de avô para bisavô, de bisavô para tetravô, e assim sucessivamente, quere dizer: recuadamente, chegareis a persuadir-vos de que Adão e Eva são vossos avós, em grau elevadíssimo, como o são dêles.

*Ferreira Tórres.*

# BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Vai proceder-se, hoje, à solene inauguração do Novo Quartel dos Bombeiros, e isso representa, conforme dissemos já, um grande melhoramento para Guimarãis.

Merecem ser louvados todos aqueles que contribuíram para a efectivação dêsse melhoramento e estão de parabéns os nossos Voluntários, soldados disciplinados duma Causa Nobre, que assim vêm, como nós todos, vimaranenses, vemos, satisfeita uma sua já velha e legítima aspiração.

Os vimaranenses não deixarão, no dia de hoje, de visitar a Casa dos Bombeiros, como que a afirmar-lhes o seu aprêço, o seu respeito, apoiando tão bela obra de solidariedade que é alimentada desde longe por dedicações sem conta e boas vontades que são exemplos magníficos dos mais nobres sentimentos.

Nas pessoas ilustres dos Comandantes e da Direcção da Humanitária Associação queremos saüdar, neste dia, os valorosos Bombeiros de Guimarãis e todos os seus directos e mais dedicados cooperadores.

Damos, a seguir, umas notas elucidativas, por sinal muito curiosas, àcêrca do simulacro de incêndio que se realiza hoje, na Casa-Escola da Associação, conforme programa que já publicamos, e que se verificará após a sessão solene que deve começar às 11 horas, sob a presidência do Chefe do Distrito.

**TEMA** — Incêndio no rés-do-chão de um prédio composto de loja e três andares, construído de pedra e tabique.

**Reconhecimento** — No rés-do-chão uma garage; 1.º, 2.º e 3.º andares um pensionato.

O prédio tem três fachadas e está ligado a outros prédios. As escadas interiores tornam-se impraticáveis, havendo espêsso fumo e excessivo calor devido à violência do incêndio.

O pessoal do rés-do-chão salva-se fàcilmente, saíndo para a rua. Os pensionistas e empregados encontram-se alguns no 1.º andar e a maior parte no 2.º e 3.º andares, de onde pedem socorro.

**Ordem**: — *a)* Escalada do prédio com escadas de ganchos e de lanços;

*b)* Arvoragem de manga de salvação ao 3.º andar (fachada principal do prédio);

*c)* Estabelecimento de três agulhetas — duas ao rés-do-chão (foco do incêndio) e uma ao 1.º andar;

*d)* Arvoragem da escada «Magirus» ao 3.º andar (lado norte do prédio).

**Desenvolvimento** — Içada a manga de salvação e outros aparelhos de salvação, são por êles descidas tôdas as pessoas encontradas nos altos da casa, em seguida ao que são aqueles arreados. Entretanto os agulhetas continuam combatendo o incêndio, que se mostra bastante violento e difícil de ceder. Ouve-se uma explosão, que obriga a uma retirada geral. Dado o sinal de fugir, todos os bombeiros descem pelas escadas exteriores e por outros aparelhos de salvação que se lhes deparem.

Verificando-se não ter a explosão influído na estabilidade das paredes, ordena-se nova escalada ao prédio para continuar o ataque do fôgo e conclusão de trabalhos. No reconhecimento final é encontrado ferido, no 2.º andar, um bombeiro, que é descido por meio do «nó de cadeira», sendo recolhido e transportado em maca

O fôgo é considerado extinto e todo o material é recolhido.

Termina o exercício com uma escalada ao prédio com escadas de ganchos e Portuense e escada «Magirus», de cima das quais é feita a Continência.

## Homenagem a um Professor

Dizem-nos que um grupo de alunos do antigo e estimado professor Sr. Luís Gonzaga Pereira, vai promover-lhe, em breve, uma significativa homenagem, aproveitando, para isso, a sua data natalícia.

Sabemos, também, que a idéia foi bem acolhida por aqueles que tiveram em Luís Gonzaga Pereira um bom Mestre e Amigo, sendo já elevado o número de adesões.

Associamo-nos, gostosamente, à projectada e merecida homenagem.

# DESPORTO

## Associação Académica, 5. Vitória, 1.

A Académica de Coímbra veio no passado domingo ao Benlhevai e bateu o Vitória pelo expressivo e inesperado *score* de 5-1 — a maior derrota sofrida pelos vimaranenses no seu campo desde que participam na prova em curso.

Ninguém supunha que tal acontecesse, mas a verdade é que os estudantes ganharam merecidamente, embora os números sejam algo exagerados.

A equipe visitante sem fazer alarde de grande técnica soube explorar bem os pontos vulneráveis do adversário e, agindo com notável dinamismo, pôde alcançar um resultado que, cremo-lo bem, estava longe de imaginar sequer. Bastante homogénea e voluntariosa, sobressaíram nela o trio defensivo e os dois extremos.

Os locais jogaram pouco, muito pouco mesmo, salvando-se-lhes apenas 20 minutos no comêço da segunda parte, em que produziram lances de regular entendimento, que todavia não souberam concretizar, por falta de serenidade.

Pela exibição que fizeram neste encontro ficam plenamente justificados os 8-0 do domingo transacto, em Setúbal. A equipe revelou desmoralização — o que não admira — e falta de confiança. E isso é um grande mal.

Zeferino foi o único homem a cumprir bem durante tôda a partida, chegando a evidenciar-se na primeira parte.

Os restantes, embora esforçados, pouco fizeram de jeito.

*

O desafio começou às 15,32.

Aos 4 minutos, Micael, à bôca das redes, fêz o 1.º tento da Académica, a concluír um passe do seu médio centro, Oliveira. 3 minutos depois, António Maria marcava o 2.º ponto dos estudantes, mercê dum êrro da defesa local. E, a seguir, Lino teve de mandar para canto, em recurso, outra bola que visava as suas redes. O Vitória surpreendido com a rapidez dos estudantes, conseguiu recompôr-se e passou a equilibrar a partida, perdendo Miguel uma grande oportunidade por atirar ao lado do poste. Mas, aos 18 minutos, a premiar o esfôrço dos locais, Zeferino mandou de longe um grande chute, que bateu Vasco, fazendo o primeiro e único *goal* do seu grupo. Os estudantes, no entanto, não perdem o sentido de ataque e a luta anima-se, registando-se investidas alternadas. Numa destas, Alberto Gomes obriga Machado a uma boa defesa, cabendo depois a vêz a Vasco de intervir com decisão num remate de Brioso. E sem mais nada de notável terminou a primeira parte.

Não obstante o Vitória entrar a jogar com mais acêrto, os estudantes conseguiram ganhar um canto aos 7 minutos, que foi anulado por Castelo. Todavia o domínio dos locais começou a acentuar-se e o merecido empate esteve à vista mais de uma vez, mas a má fortuna dos dianteiros e a valentia da defesa adversária não o consentiram.

Absolutamente contra a corrente do jôgo, aos 25 minutos a Académica obtia o 3.º tento por intermédio de Micael, que conseguiu escapar-se aos defesas locais, postados a meio do terreno.

Depois dêste ponto os vimaranenses afundaram-se, passando os estudantes a comandar abertamente a partida. Assim, aos 40 minutos, António Maria, isolando-se, fêz o 4.º *goal* com um bom chute, mas por nítido êrro de colocação de Machado. E Micael fêz o 5.º, já depois do tempo regulamentar.

* * *

A arbitragem confiada ao Sr. Araújo Correia foi nervosa e cheia de deficiências, prejudicando principalmente o Vitória.

*J. G. F.*

## Ainda a Procissão de Passos

Somos informados de que a Mesa da Irmandade de N. S.ª da Consolação e Santos Passos só admitirá na Procissão anjinhos que se apresentem bem vestidos e alusivos à Paixão de Cristo.

A Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal por sugestão do digno Chefe da Estação de Guimarãis e nosso bom amigo Sr. David dos Santos Oliveira, organiza no próximo Domingo um combóio especial que partirá de Negrelos para esta Cidade, cêrca das 16 horas, regressando entre as 19,20 e as 20 horas.

NO CALÇADO DA Sapataria Luso ENCONTRA V. EX.ª DISTINÇÃO.

# Agradecimento

Os abaixo assinados presumem ter testemunhado o seu reconhecimento a tôdas as pessoas que os honraram com cumprimentos de simpatia e solidariedade, por ocasião do grande desgôsto que sentiram com a atitude infeliz e lamentável de alguns desnorteados operários seus. Todavia, na possibilidade de haverem cometido qualquer omissão involuntária, mais uma vez a todos êsses bons amigos e dedicados colegas patenteiam a sua mais alta estima, assegurando-lhes profunda e sincera gratidão.

Guimarãis, 15 de Março de 1944.

574

*Gaspar Ferreira Paúl*
*Leopoldo Martins de Freitas.*

FOLHETIM DO «NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS»

N.º 51

J. Weyman

# Aventuras do Cavaleiro de Bérault

## CAPÍTULO XI

## O caminho de Paris

Mas talvez porque a noite tivesse esgotado a sua dor e as suas lágrimas, ou talvez porque qualquer razão imperiosa lhe tivesse dado momentâneamente a calma, estava serêna. Baixou os olhos ao vêr-me, e foi tudo. Sem dizer uma palavra, prosseguiu no seu trabalho.

— Senhora! Senhora! Que fazeis? — exclamei num transporte de dor.

— Os criados não quiseram acender o fogão, — respondeu-me em voz baixa mas firme, — e vós sois ainda nosso hóspede, senhor...

— Mas não posso consentir isto! Senhora de Cocheforêt, eu...

Ergueu a mão. O seu rosto tinha uma expressão de resignado sofrimento.

— Suplico-vos que vos caleis, — disse-me. — Calai-vos, que me fazeis mal!

O fôgo avivou. Levantou-se então e, depois de se ter assegurado com um olhar de que êle ardia bem, saiu, deixando-me de pé, estúpido e imóvel, no meio do salão. Quási logo, senti que ela voltava ao longo do corredor, e vi-a reentrar com uma bandeja em que havia pão, carne e vinho. Pousou-a sôbre a mesa e, tôda trémula, prestes a chorar, começou a dispor as coisas. Os copos, nas suas mãos, tiniam febrilmente e chocavam-se com os pratos; as facas batiam umas nas outras. E eu, trémulo também, estava ali e via-me obrigado a assistir àquela estranha e cruel penitência.

Por fim fêz-me sinal para que me sentasse, e foi até à porta que dava para o jardim, onde se deixou ficar, de costas voltadas para mim. Obedeci e sentei-me à mesa. Mas embora eu não tivesse comido coisa alguma desde a véspera à tarde, não podia engolir bocado. Como não podia comer, bebia; e aquecia e irritava-me com o que se estava passando. Depois olhei, através da janela, para a chuva que continuava a caír alagando tudo, para as árvores do jardim, e afigurou-se-me que havia readquirido o meu sangue-frio.

De súbito, ela voltou-se e foi ter comigo.

— Não comeis? — preguntou-me

Arremessei a faca, e levantei-me num arranco:

— Por Deus, senhora! — exclamei. — Supondes, acaso, que não tenho coração?...

Compreendi logo a loucura que acabava de praticar, porque a senhora de Cocheforêt se prosternou num impeto, abraçando-me pelos joelhos, apoiando o seu rosto úmido de lágrimas às minhas vestes, pedindo-me piedade e suplicando-me a vida, a vida, — a sua vida! Era horrível ouvir a sua voz entrecortada, ver os seus cabelos loiros flutuarem sôbre as minhas botas enlameadas, contemplar o seu corpo tão delicado sacudido pelos soluços, e ver que era uma mulher, uma mulher nobre que assim se lançava a meus pés.

— Senhora! Senhora! — exclamei, cheio de angústia. — Suplico-vos que vos levanteis! Ergui-vos, ou saio já!

— A sua vida! Só vos peço a sua vida! — gemia ela apaixonadamente. — Que mal vos fêz êle para assim o perseguirdes? Que vos fizemos nós para nos supliciardes? Por quem sois! Tende piedade, senhor! Deixai-o homisiar-se, e eu e minha irmã rogaremos por vós ao céu todos os dias da nossa vida!

Curvei-me para a ajudar a levantar-se. Mas ela abateu-se mais ainda, e as suas delicadas mãos tocaram as rosetas das minhas esporas.

— Escutai-me, senhora, — disse-lhe num tom quási severo, — pois que não quereis levantar-vos. Esqueceis tudo: a situação em que estou, e quanto é pequeno o meu poder. Esquecei-vos de que, se eu desse hoje a liberdade a vosso esposo, êle seria, em menos de uma hora, aprisionado por aqueles que estão no povoado, que vigiam todos os caminhos, e que ainda não deixaram de suspeitar dos meus actos e das minhas intenções. Vós esqueceis, repito, as circunstâncias em que...

Ao ouvir estas palavras, a senhora de Cocheforêt ergueu-se prestes e olhou-me face a face. Um momento mais, e eu teria podido dizer alguma coisa útil. Mas ela estava diante de mim, muito pálida, ofegante e desgrenhada, fazendo esforços para falar:

— Oh! Sim! Sim! — exclamou com voz ardente e entrecortada. — Eu sei! Eu sei!

E, metendo a mão no seio, tirou dêle alguma coisa que me entregou num gesto arrebatado:

— Eu sei! Eu sei! Ficai com isso, e que Deus vos recompense, senhor de Bérault! Que Deus vos recompense! Dano-lo livremente... livremente, e com reconhecimento!

Senti que um frio de gêlo me penetrava. O que ela me dava eram as pedras preciosas que eu havia restituído a sua cunhada. Atirei-as para cima da mesa, num movimento brutal, sem respeito pelas conveniências, e dando apenas livre curso à minha cólera:

— Senhora! — exclamei, — laborais num deplorável equívoco a meu respeito. Há vinte e quatro horas que só ouço palavras duras, e sei o que pensais de mim. Mas resta-vos saber que há ainda uma coisa que nunca fiz nem farei: é atraiçoar a mão que me utiliza ou vender o meu partido! Quando eu tal fizer por um tesouro dez vezes mais precioso do que êsse, que a minha mão se mirre totalmente!

A senhora de Cocheforêt deixou-se caír sôbre uma cadeira, soltando um gemido de desespêro. Justamente naquele instante, o senhor de Cocheforêt abriu a porta e entrou, seguido de sua irmã, um pouco mais branca do que habitualmente e com grandes olheiras, mas duma frieza capaz de desafiar satanás.

(Continua).

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarãis»

# TEATRO JORDÃO

## Companhia Teatral Portuguesa

No Teatro Jordão, exibiu-se, ante-ontem, como estava anunciado, a Companhia Teatral Portuguesa, de que fazem parte alguns Artistas que de longe já vêm honrando a cena portuguesa. **Israel (o Banqueiro Judeu)** foi a peça que se representou.

Três actos cheios de emoção, exibição magistral, numa palavra, um espectáculo em que se viu, como raríssimas vezes tem acontecido entre nós, nos últimos tempos, Teatro de verdade.

Como era de esperar, o público não correspondeu à iniciativa da Emprêsa, pois a assistência ocupava talvez menos de meia casa. Contudo — e isso nos satisfêz imenso! — os aplausos foram estrondosos, demorados, vibrantes como poucas vezes ecoam dentro das paredes do nosso Teatro. E' que o público seguiu, com verdadeiro interêsse, o desenrolar da peça e, tanto no final do 2.º acto (no decorrer do qual há cenas de desempenho impecável entre a duquesa de Cressy e Eduardo Allevy, primeiro, e entre aquela e seu filho, o príncipe de Condé, depois), como no 3.º, aplaudiu entusiàsticamente os intérpretes dessas cenas onde se debatem os mais sérios problemas de ordem moral.

A luta travada entre o Príncipe Cristão e o Judeu banqueiro; a confissão de Helena ao findar do 2.º acto e a surprêsa que isso causou em seu filho Gastão; o diálogo que êste travou depois com seu pai Allevy e a intervenção do Padre Silvian, são alguma coisa de bom, que Manuel Lereno, Ernesto Rodrigues, Emília de Oliveira e João Silva, nos apresentam por forma a confirmarem absolutamente os seus créditos artísticos e a merecerem os nossos melhores elogios.

E a terminar o espectáculo, que tão bem impressionados deixou todos quantos tiveram a boa sorte de ir ao Teatro Jordão na noite de Sexta-feira, Manuel Lereno, um novo cheio de talento, artista privativo da Emissora Nacional e do Rádio Clube Português, quis homenagear a assistência com um recital de consagrados Poetas.

Começou por um admirável soneto de Fausto Guedes Teixeira; recitou depois: «O Menino de Sua Mãi», de Fernando Pessoa; uma poesia brasileira, de Francisco Leão; «O Vira», poesia de Augusto Gil e a fechar, «O Testamento simbólico de D. João», de Ramiro Guedes de Campos.

O públieo parecia não querer abandonar a sala.

O espectáculo foi simplesmente bom, embora isso pese a muitos daqueles que lá não foram mas que nunca faltam quando vem por aí fora uma *Mulher do Padeiro* com *Jeremias* e tudo, ou outra coisa qualquer das muitas que abundam, infelizmente, por êsses nossos Teatros.

*A.*

## Os Estudantes de Coimbra

Os estudantes do 5.º ano médico, de Coimbra, visitaram-nos, no Domingo, tendo percorrido os nossos monumentos e Museus. Também foram à Penha e, ali, colheram, como nos restantes locais da nossa Terra, a mais agradável impressão. Acompanharam-nos membros da Junta de Turismo, a quem agradeceram tôdas as atenções que lhes foram dispensadas.

Ao retirarem, os estudantes da cidade do Mondego não esconderam a sua admiração, a sua estima, o seu aprêço por Guimarãis.

## Lamentável desastre

Faleceu, na Quinta-feira, na sua residência, em S. Gens, Fafe, o conhecido e estimado informador fiscal, Sr. Américo Nogueira Mendes, pai da Sr.ª D. Elda da Cunha Nogueira Mendes Correia, espôsa do importante industrial do Pevidém e nosso bom amigo Sr. Alfredo Lopes Correia e do também nosso prezado amigo e hábil guarda-livros Sr. Armando da Cunha Nogueira Mendes, casado com a distinta professora da freguesia de Silvares, dêste concelho, Sr.ª D. Arminda de Jesus Soares Leite Mendes.

A sua morte foi provocada por intoxicação com veneno, que havia sido misturado com farinha de trigo para matar ratos.

Sua espôsa e tôda a família da casa ficaram também intoxicadas, por se terem igualmente servido dos bolos em cuja preparação entrou, por um lamentável equívoco, a farinha envenenada.

Sentimos sinceramente o acontecimento e apresentamos os nossos sentimentos a tôda a família dorida.

**MOTOR 2 CV.**

Precisa-se, usado ou novo. Informar a Redacção às inicias L. A. S. 571

**Compra-se**

Mobília de Sala de Jantar. Informa esta Redacção. 573

## Para as obras do Mosteiro de S. Torcato

Na Segunda-feira passada, realizou-se, em S. Torcato, uma grande carreada de madeira para as obras do majestoso Santuário.

Eram mais de 60 carros de eucaliptos, pinheiros, madeira de castanho, etc., que os proprietários da progressiva freguesia ofereceram, generosamente, o que só os dignifica e merece por isso os melhores louvores.

Naquele dia e enquanto os carros desfilavam pela freguesia fora até ao Mosteiro, ouviram-se repiques festivos e muita foi a gente que, vinda de todos os pontos da freguesia, afluíu a presencear o cortejo.

E não houve ninguém que não deixasse de tecer elogios, congratulando-se com aquele simpático gesto das pessoas gradas da freguesia, que dessa maneira revelaram, uma vez mais, o seu muito interêsse e grande e justificado desejo de verem concluídas em breve as obras do suntuoso Mosteiro.

Foram a S. Torcato, expressamente para assistirem à carreada, todos os membros da Mesa da Irmandade, o Venerando Arcipreste Rev. João do Carmo da Cruz Magro, o ilustrado abade de S. João das Caldas, Sr. P.e João Gonçalves, o devotado amigo de S. Torcato e benemérito vimaranense Sr. Alberto Pimenta Machado, etc.

No final foi servido um abundante *lunch* aos lavradores que tomaram parte na carreada, que ficará memorável na história da linda freguesia de S. Torcato.

## Regionalismo

Recebemos o seguinte e cativante ofício da Casa de Entre-Douro-e-Minho:

... Sr. Director do jornal «Notícias de Guimarãis».

Guimarãis.

...Sr.

Com grande satisfação nos é grato comunicar que em sessão desta direcção, foi aprovado, por unânimidade, um voto de saüdação ao jornal que V... tão elevadamente dirige.

Norteia os actos desta direcção o desejo de promover a maior divulgação possível dos progressos sempre crescentes da nossa região, mas necessita para tal do valiosíssimo concurso de V... para nas colunas do vosso conceituado jornal auxiliar a propaganda que estamos aqui fazendo dos nossos valores regionais.

Estamos certos que V... não só não recusará êste auxílio como antes o dispensará com o carinho próprio da nossa terra.

Com a afirmação do nosso grande reconhecimento, somos a desejar-vos

Saúde e Regionalismo.

Pela Direcção da Casa de Entre-Douro-e-Minho,

*Horácio Cunha,*
Presidente.

Lisboa, 8 de Março de 1944.

*N. R.* — Agradecendo a gentileza dêste ofício queremos afirmar que as colunas do nosso jornal estarão sempre à disposição daquele Organismo e que à causa do Regionalismo continuaremos a prestar, como até aqui, a nossa melhor atenção e interêsse.

## Santa Casa da M. de Guimarãis

### Sessão ordinária do dia 17

Sob a presidência do seu Provedor, reüniu, no dia 17 do corrente, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia.

O Sr. Provedor comunicou que o Rev. Arcipreste lhe participou que Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz nomeou capelão do Hospital António Francisco Guimarãis, em Vizela, o Sr. P.e Jacinto de Andrade, antigo capelão desta Misericórdia.

— Foi resolvido realizar, no dia 6 de Abril, se o tempo o permitir, a Procissão de Endoenças, que saírá da Misericórdia, pelas 20 horas, e incorporar-se-á na Procissão de Passos.

— Resolveu, também, que a comunhão pascal aos doentes se realize no dia 26 do mês corrente, pelas 9 horas.

— Foi dado conhecimento de uma comunicação do caseiro António de Freitas, da propriedade da Tôrre, e tomadas as providências para a sua substituïção, encarregando-se o mesário Sr. João A. da Silva Guimarãis de estabelecer as condições do novo contrato de arrendamento.

— Tomou em consideração uma proposta do mesário Sr. Alfredo José de Sousa Félix sôbre reparações no Asilo de Inválidos, em S. Paio.

— O Sr. Tesoureiro apresentou o balancete do cofre que foi aprovado e o mapa das subsistências.

— Foram registadas novas propostas de Irmãos e tomadas outras deliberações de interêsse para esta Instituïção.

— Exarou um voto de pesar pelo falecimento do Irmão Sr. José Dias de Castro, antigo tesoureiro desta Santa Casa.

— Registou o donativo de 500$00 do Sr. Joaquim de Oliveira, de Serzedelo, destinado ao aparelho Raios X.

TEATRO JORDÃO HOJE ÁS 15 E ÁS 21 HORAS

**O SR. FELIZARDO**

COM

LARAINE DAY e CARY GRANT

A vida e amores de um grande aventureiro

QUINTA-FEIRA, 23, ÁS 21 HORAS:

**BEL AMI**

Primorosa comédia musical, muito espirituosa com encenação de opereta. Intérpretes principais:

OLGA TSCHECHOWA e WILLI FORST

**Pedro da Silva Freitas**
(Chafarica)
11 — Rua de Santo António — 13
Telef. 4221 End. Tel. PERFEITAS

**DEPÓSITO DE TABACOS E FÓSFOROS**
AGENTE DA CASA DA SORTE
Lotarias para tôdas as extracções.
Descontos aos Revendedores.

UM SEGURO DE GRAÇA

A «Voga», revista portuguesa para todos, oferece um Seguro gratuïto contra acidentes pessoais a todos os assinantes de um ano (12 números, Esc. 60$00).
Só gozam dêste privilégio as assinaturas feitas directamente à administração da «Voga», Estrada de Benfica, 670 — Lisboa.
A «Voga», é como os nossos leitores sabem, uma revista única no género que se edita em Portugal. Modas, arte, cinema, passatempos, contos infantis, bordados, novelas, conselhos úteis, poesia, reportagem, figurinos, etc., etc., recheiam as suas 52 páginas, dignas de serem lidas com atenção e aprêço.
A «Voga» é a única revista que em Portugal oferece aos seus assinantes tão útil e agradável vantagem.

UM SEGURO DE GRAÇA

FEITO POR INTERMÉDIO DA
COMPANHIA DE SEGUROS
**A MUNDIAL**

# da cidade

## *Vem aí a Primavera!*

*Daqui a pouco — faltam apenas dois dias — chegará a Primavera, a primeira e encantadora Estação do ano.*

*Dias quentes de Sol, formosíssimo, e noites mais amenas, a anunciaram já.*

*Chegada a Primavera virão as andorinhas, florescerão os jardins e começará nova faina nos nossos campos.*

*Sentimos que se afasta de nós o pesadelo do inverno, com as suas chuvas e ventos, as grandes nevadas, o frio...*

*A Primavera vai entrar — finalmente!*

## Boletim Elegante

**Aniversários natalícios**

Fazem anos:

*No dia 20,* Mademoiselle *Maria Madalena Meireles, gentil filha do nosso prezado amigo sr. Avelino Ferreira Meireles; no dia 24, o nosso prezado amigo sr. Francisco Larangeiro dos Reis; no dia 25,* Mademoiselle *Maria Emília Cardoso Dias de Castro, filha do nosso prezado amigo sr. Agostinho Dias de Castro, e o nosso prezado amigo sr. António Mário dos Santos Martins, do Pôrto.*

*— No dia 16 fêz anos o nosso prezado amigo sr. Avelino Teixeira, estimado comerciante.*

*— No dia 14 também fizeram anos a senhora D. Maria Rodrigues Figueiredo, espôsa do nosso prezado amigo sr. José Rodrigues Guimarãis, importante industrial do Pevidém, e a senhora D. Maria dos Prazeres Rodrigues Figueiredo, espôsa do nosso bom amigo sr. José Pinheiro da Costa.*

Notícias de Guimarãis *apresenta-lhes os seus cumprimentos de felicitações.*

**Partidas e chegadas**

*Tem estado nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Joaquim Alberto César.*

*— Esteve há dias, em Guimarãis, o nosso prezado amigo sr. Luís de Oliveira Barros, do Pôrto.*

*— Deu-nos o prazer da sua visita o distinto professor Pierre Audouy.*

*— Esteve há dias, nesta cidade, o nosso ilustre camarada do "Correio do Minho", sr. Aníbal Mendonça, a quem tivemos o prazer de cumprimentar.*

*— Esteve nesta cidade, de visita a seu filho o nosso prezado amigo sr. Sebastião Teixeira de Aguiar, tendo estado hospedada em casa de seu primo o também nosso prezado amigo sr. João Teixeira de Aguiar, a senhora D. Bernardina Aguiar, que já regressou a Lisboa, onde reside.*

**Doentes**

*Tem experimentado sensíveis melhoras o sr. Dr. Guilhermino Rodrigues.*

*— Têm passado doentes as espôsas dos nossos prezadíssimos amigos srs. Dr. Nuno Simões e Poeta Delfim de Guimarãis.*

*Desejamos as suas rápidas melhoras.*

*— Encontra-se melhor dos seus padecimentos a senhora D. Maria de Belém Teixeira Carneiro.*

**Nascimento**

*Teve a sua* délivrance, *dando à luz uma criança do sexo feminino, a espôsa do nosso prezado amigo sr. Alberto da Silva Martinho, das Taipas.*

*Parabéns.*

## Diversas Notícias

### *Chá dançante*

Hoje, de tarde, realiza-se, no Salão Nobre da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, um chá dançante, promovido por um grupo de cavalheiros e senhoras da nossa sociedade e que promete decorrer animado, sendo abrilhantado pela Orquestra Vimaranense.

### *Serviço de Farmácias*

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato.

## FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

### Isaquim Correia Machado

Na sua Casa de Oleiros, freguesia de Ronfe, finou-se no domingo o sr. Joaquim Correia Machado, proprietário, irmão do sr. António Correia Machado, cunhado do sr. Manuel da Costa Gonçalves e sogro dos nossos prezados amigos srs. José Ribeiro de Abreu e Augusto Ribeiro de Abreu, estimados proprietários, e tio do também nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. José Joaquim Machado Guimarãis Júnior.

O seu funeral realizou-se na segunda-feira e foi bastante concorrido.

A' família enlutada apresentamos sentidas condolências.

### José Pereira Guimarãis

Na sua residência, à Rua das Lameiras, finou-se o nosso bom amigo e estimado conterrâneo Sr. José Pereira Guimarãis, que contava 52 anos e foi durante muitos anos industrial na Cidade da Beira, de onde regressou há tempos.

O saüdoso extinto era casado com a senhora D. Nídia Pereira Guimarãis e pai das senhoras D. Olímpia, D. Maria de Lourdes Pereira Guimarãis e dos Srs. Boaventura, Ernesto, José Joaquim e Alfredo Pereira Guimarãis.

Há algumas semanas adoecera, tendo-se agravado os seus sofrimentos de dia para dia.

O óbito verificou-se na sexta-feira passada, tendo-se realizado o funeral ontem, às 18 horas, para o Cemitério de Atouguia.

No préstito fúnebre incorporaram-se muitas pessoas das relações do saüdoso extinto e de sua família, à qual endereçamos o nosso cartão de pezar.

### António Fernandes

Contando 51 anos finou-se, ontem, na sua residência à Rua Gravador Molarinho, o Sr. António Fernandes, industrial de alfaiataria, casado com a senhora D. Maria Doroteia Fernandes, pai da senhora D. Maria da Piedade Fernandes, irmão dos Srs. João e Joaquim Fernandes, residentes no Pôrto, e sogro do nosso prezado amigo e estimado desportista Sr. António Pádua de Magalhãis Ribeiro (Bravo)

O funeral realiza se, hoje, domingo, às 10 horas, saíndo o féretro da residência acima para o Cemitério de Atouguia.

A tôda a família dorida e dum modo especial ao nosso amigo Sr. António Pádua de Magalhãis Ribeiro, endereçamos o nosso cartão de pêzames.

### De luto

Pelo falecimento de um seu cunhado, ocorrido em Entre-os-Rios, encontra-se de luto o respeitável capitalista Sr. João Rodrigues Loureiro, a quem endereçamos o nosso cartão de pêzames.

DOMINGO, 26
Exposição de Calçado para Verão
na
Sapataria Luso

## *Declaração*

Numa nota fornecida pela P. S. P. à Imprensa e publicada em «O Comércio do Pôrto», do dia 4 dêste mês, vinha mencionado o nome do sinatário como implicado num caso de burla e especulação de algodões.

Cumpre-me, por isso, declarar pùblicamente que se trata de um lamentável lapso, como foi já reconhecido por quem de direito, visto que nunca tive qualquer intervenção ou responsabilidade em caso algum desta natureza.

Fica desta forma rectificado aquele lapso.

Guimarãis, 8 de Março de 1944.

*Gaspar Pimenta.*

**CAVES DA RAPOSEIRA**
GRANDES VINHOS ESPUMANTES NATURAIS
LAMEGO

**CASIMIRO SOARES**
SOLICITADOR
Largo Conselheiro João Franco, 12
Guimarães

**Vendem-se**

Casas com quintais, no centro da cidade, e terrenos para construção de prédios.

Tratar na «Auxiliadora» — Rua da República, 70 — Telf. 4470. 558

## Livros & Jornais

**Catamount contra Catamount** — por *Albert Bonneau.*

Lá no extremo Sul do Texas onde serpenteia a fronteira com o México, aí onde a civilização levada em carros de madeira e a dorso de cavalo gastou mais tempo a chegar, escreveu-se, ainda não há muitas dezenas de anos, uma epopeia. Epopeia do bem contra o mal, do fraco contra o forte, e, quantas vezes, do homem contra dezenas, centenas de outros homens, contra vilas inteiras, contra cidades entregues a indivíduos sem escrúpulos qne tudo manejavam a seu bel-prazer.

«Catamount contra Catamount» situa-se nessa época heróica. Catamount é um símbolo da lealdade e da intrepidez, da coragem individual, do arrôjo que não conhece perigos para só saber qual a linha do dever.

As aventuras do famoso componente da célebre Polícia Montada do Texas, a sua luta contra os indivíduos venais que, aproveitando-se das circunstâncias, espalham o terror e o crime, por tôda uma vasta região, a sua fulgurante vitória, a que não faltam riscos e sobressaltos, constituem o tema dêste livro que a Clássica Editora integrou na sua conhecida colecção «Os Melhores Romances de Aventuras» e que traz a assinatura prestigiosa de Albert Bonneaux.

Livro apaixonante, que se lê num fôlego, com interêsse crescente, «Catamount contra Catamount» constitui um modêlo neste difícil género de novelas de acção, em que o imprevisto, a emoção, os grandes lances de audácia se sucedem num rítmo quási alucinante.

**Aventuras de Dona Redonda** — por *D. Virginia de Castro e Almeida.*

D. Virgínia de Castro e Almeida é a nossa primeira novelista para crianças.

Ela possui êsse dom raro de povoar as imaginações infantis de todo um mundo encantador de sêres e de coisas, de aventuras em que a realidade e o sonho andam de mãos dadas, fundindo-se, por vezes.

D. Virgínia de Castro e Almeida sabe até que ponto a criança está apta a compreender esta evasão do espírito pelos domínios do inverosímil. E nestas suas encantadoras «Aventuras de D. Redonda» tal como na sua famosa «História de Dona Redonda e da sua gente», ela pega na mão dos meninos pequenos e leva-os através dêsse mundo impossível em que há casas e jardins à banda, em que há mostrengos simpáticos, cãezinhos muitos inteligentes e muitas mais coisas de maravilha.

A autora do «Céu Aberto» e «Em pleno azul» encontrou, nesta sua D. Redonda e nos seus acólitos, — D. MMeluka, Zipitri e todos os outros comparsas que povoam o mundo agitado e feliz das suas histórias — os heróis ideais das suas novelas para crianças. Estas assim o compreendem.

Edição cuidada da «Livraria Clássica Editora».

## Misericórdia de Guimarãis

### Movimento hospitalar no mês de Fevereiro de 1944

**Hospital Geral de Santo António**

Consultas no Banco, 356.
Receitas abonadas a doentes externos, 32.
Parturientes recolhidas, 17.
Crianças nascidas, 16, sendo 9 do sexo masculino e 7 do sexo feminino.
Doentes existentes no último dia do mês de Janeiro, 120.
Doentes entrados durante o mês de Fevereiro, 184.
Doentes saídos:
Curados, 132.
Melhorados, 35.
No mesmo estado, 4.
Falecidos, 14.
Ficaram existindo no último dia do mês de Fevereiro, 144.
Média diária de doentes, 128.
Banhos-dados no balneário, 144.
Operações de grande e pequena cirurgia, 32.
Curativos feitos no Banco, 1.387.
Oftalmologia:—Operações, 0.
Oftalmologia:—Curativos, 757.
Oto-rino-laringologia — Curativos 233.
Injecções aplicadas, 1.281.
Sessões de Raios ultra-violetas, 296.
Sessões de Diatermia, 246.
Sopa a pobres — S. Paio, 48; Donim, 217.

**Hospital António Francisco Guimarãis-Vizela**

Consultas no Banco, 10.
Doentes existentes no último dia do mês de Janeiro, 20.
Doentes entrados durante o mês de Fevereiro, 13.
Doertes saídos:
Curados, 8.
Melhorados, 7.
Falecidos, 0.
Ficaram existindo no último dia do mês de Fevereiro, 18.
Operações de pequena cirurgia, 1.
Curativos feitos no Banco, 312.
Injecções aplicadas, 89.

*O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema*

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno, (compl.), Povo, Roquete (ling. e sin.) sin. de Bandeira.

# Torneio de Charadas em Prosa

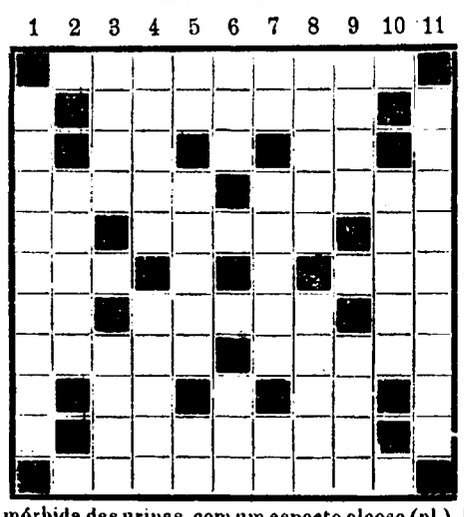
## IV ETAPA — EPENTÉTICAS

1) De *lavagem* precisa certa *linguagem*. 2-3
2) *Irmãos* para irmãos quantas vezes a ganância os torna *maliciosos*.
3) A *enxada* só pesa nas mãos do *vadio*.
4) As *criancinhas* personificam a Virtude: sempre belas, mesmo cobertas de *farrapos*.
5) No *altar* da ambição, até a infâmia se *incensa*.
6) *Oculta* a mentira quem à sua sombra faz prevalecer a *intriga*.
7) Uma *palavra* carinhosa é meia *caridade*.
8) *Direitos* mal adquiridos, à Consciência estão *sujeitos*.
9) *Pedir* é o fim de muitos, quando já cansados de *trabalhar*.
10) O *justo* critério dá à decisão um poder mais *forte*.
11) As *palavras* que o Homem melhor escuta são aquelas que tratam das suas *regalias*.
12) O *bom* cozinheiro pode errar no mais simples *banquete*.
13) *Divulga* nobres sentimentos que proporcionarás muita *ventura*.
14) Há *histórias* na vida que podemos tomar por possíveis *sentenças*.
15) *Sem razão* é mais penoso o *castigo*.
16) O *lucro* baseado na mentira, é um proveito *estéril*.
17) *Fundo* é o amor que torna o homem *escravo*.
18) *Elevar* o nosso nome como herói, é o Túmulo transpor; sublimar-se como Santo, o Além *penetrar*.
19) No *caminho* da vida, quanto carácter se *adultera*.
20) *Examinar* um passado glorioso é procurar nêle saüdades *ressurgir*.
21) *Nada* vale tanto como a estima dum amigo *verdadeiro*.
22) O *cuidado* é elemento valorizador do que a consciência *examina*.
23) *Ninguém* confie em viver eternamente *feliz*.
24) No *lar* que o Amor esmalta nunca a Riqueza faz *falta*.
25) O *ardor* da independência é que nos faz lutar até ao último *alento*!
26) O *destino* não transige com o rico nem com o *pobre*.
27) *Cura* melhor uma lição de moral que no êrro a severa *censura*.
28) *Acautele* a sua alma contra o *ardor*.
29) Na *luta* pela vida, quantos perdem a sua *liberdade*.
30) A *sova* é castigo que na maioria das vezes não serve de lição para o fim que se *deseja*.
31) A *morte* irmana adversários, e iguala o rico ao *pobre*.
32) *Pobres* que queiram viver honrados não podem ser *preguiçosos*.—4-5
33) A *recomendação* de um amigo quantas vezes nos compromete sem nossa *culpa*. — 4-5

*N. do D.* — No n.º 10, a epêntese está mal aplicada.

## CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

*ENUNCIADO:* N.º 55



*Horizontais*: 1 — Hereje duma seita do século III, que negava a distinção das três pes-oas da Santíssima Trindade. 2 — espécie de burel de várias côres tecido no Algarve. 3 — travar; prep. 4 — conta; estrêla de 2.ª grandeza. 5—art. (ant.º); designação genérica dos minerais formados por grãos redondos; graceja. 6 — aqui está; algum. 7 — indivisível; roldana do moitão; pois. 8 — substância viscosa que os pastores aplicam nos ferimentos que a tesoira faz nas ovelhas, ao tosquiarem-se; debruar. 9 — pron. (ant.º); nota musical. 10 — despesa feita com o salvamento de embarcação (pl.). 11 — alteração mórbida das urinas, com um aspecto oleoso (pl.).

*Verticais*: 1 — Género de insectos himenópteros. 2 — teólogo entre os árabes. 3 — agarrar; generoso. 4 — coisa mui inferior; embarcação pequena do mar Roxo. 5 — depois disso; antiga tribuna nas igrejas, a que se subia para ler, cantar ou prègar; pelo mundo. 6 — linhagem; incipiente. 7 — apostava; espécie de coleóptero; morrer. 8 — espécie de barro azulado, que abunda na margem esquerda da ria de Aveiro; pecai. 9 — pau cilíndrico que se mete no meio do pertardo quando se carrega; torna-se idiota. 10 — vinho de palmeira na Asia. 11 — porta-bandeira dos romanos.

As listas do presente número devem ser-nos enviadas até 2 de Abril.

*Correspondência:* — J. GARCIA — Rua Egas Moniz, 85 — Guimarãi.

ALTA PERFUMARIA
HOFALI
a grande marca portuguesa de produtos de beleza, cuja expansão abrange todo o Império.

Aguas de Colónia
Brilhantinas
Extractos
Fixadores
Loções
Pós de Arroz
Rouges
Sabonetes

e as especialidades:
BATON KU-KI
CREME DENTÍFRICO HOFALI
PETRÓLEO QUÍMICO HOFALI
(523) DÍLI-CREME (creme de beleza)

A' venda nos bons estabelecimentos de Guimarãis

## Câmara Munic. de Guimarãis

# ANÚNCIO

570

Concurso público para adjudicação da obra de construção da Estrada Municipal n.º 13, de Lordelo (E. N. n.º 11-2.ª) a Vila Nova de Sande. — Lanço da Deveza ao Regalo — pavimentação — na extensão de 1959m,92.

Até às 14 horas do dia 28 do corrente mês de Março esta Câmara Municipal, de harmonia com a sua deliberação tomada em reünião de 7 do corrente mês, aceita propostas, em carta fechada, para a adjudicação da obra acima referida, a qual se efectuará nesse mesmo dia, reservando-se, porém, o direito à Câmara de proceder à sua entrega só na reünião imediata ou mesmo de não fazer a adjudicação se assim julgar conveniente aos interêsses do Município.

Base de licitação — 81.940$00

Para ser admitido ao concurso torna-se necessário a apresentação do recibo de ter efectuado o depósito provisório da importância de 2.048$50, o qual será feito até às 13 horas do dia da arrematação.

O programa de concurso e o caderno de encargos, a cujas condições o adjudicatário fica obrigado, acham-se patentes na Repartição de Engenharia desta Câmara Municipal, em todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, podendo ser examinados pelos interessados.

Guimarãis, Paços do Concelho, aos 8 de Março de 1944.

O Presidente da Câmara Municipal,

*João Rocha dos Santos.*

# PELA POLÍCIA

A Polícia de Segurança Pública capturou António Ferreira, solteiro, de 22 anos, tecelão, natural da freguesia de Infantas, dêste concelho, e sem residência certa, por ter furtado um saco de açúcar, com o pêso de 75 quilos, a Maria do Carmo Sequeira, viúva, negociante, residente no lugar da Vista-Alegre, freguesia de Polvoreira, dêste concelho, no valor de 360$00.

Após o furto, o referido argüido, juntamente com um carrejão, de nome Cardoso, que anda a monte, foram vendê-lo a um indivíduo da freguesia de Matamá, dêste concelho, sendo em seguida apreendido o açúcar e entregue ao seu legítimo dono.

— A Polícia acaba de descobrir que o autor do furto praticado a Manuel Mendes, solteiro, maior, agricultor, residente na quinta do Vale, freguesia de Polvoreira, dêste concelho, no mês Janeiro do corrente ano, foi Gaspar Leite, solteiro, trabalhador, residente no lugar da Vacaria, freguesia da Costa, que se encontra já prêso.

O furto constava de: 2 fatos de fazenda, umas calças, duas camisas de homem, uma de lã e outra de algodão, 6 lenços de mão, 2 pares de botas, uma carteira de cabedal, uma aliança de ouro, 3 cintos de homem, uma camisa de riscado, assim como uma pilha eléctrica e foi avaliado na quantia de 1.200$00.

— *Quem perdeu?* — No Posto da Polícia, desta cidade, foi entregue uma quantia avultada, que foi achada na via pública e será entregue a quem provar pertencer-lhe.

— *Descoberta de uma quadrilha* — De há tempos a esta parte vinham aparecendo na Esquadra Policial várias queixas de furtos de cereais, animais domésticos, roupas, objectos de ouro, etc., subindo já a soma dêstes a algumas dezenas de contos.

A P. S. P. seguia atentamente a marcha dos acontecimentos e não descançou o seu digno Chefe, Sr. Francisco Correia que, sempre diligente e zeloso, ordenou as necessárias diligências que acabam de ser coroadas do maior êxito.

Numa das últimas noites, após uma inteligente diligência, foram apanhados, no lugar do Castanheiro, quando seguiram para a sua "colheita„, Francisco Fernandes Machado, o "Fininho„; José da Cunha, o "Xén„; António Ferreira, Jerónimo da Silva Ribeiro, José de Abreu, o "Carola„ e João Baptista, o "Marelinho„, que constituíam uma quadrilha perigosa.

As queixas de roubos são muitas, destacando-se entre elas as dos Srs. Joaquim Ribeiro Moura, casado, industrial, da freguesia de Creixomil; João Ribeiro de Castro Meireles, casado, proprietário, de Sant'Iago de Candoso; Francisco da Rocha, casado, lavrador, de S. Romão de Mesão Frio; António Caetano, casado, vendedor de jornais e Joaquim Fernandes, casado, lavrador, da freguesia de Atães.

Aos presos, na altura em que foram apanhados, foram-lhe apreendidos vários objectos que utilizavam, por certo, na prática dos seus crimes, tais como: chaves, gazuas, sacos, cordas, etc., etc.

— Queixou-se à Polícia o Sr. Capitão João Gomes de Abreu Lima, proprietário, desta cidade, contra desconhecidos gatunos que assaltaram uma sua propriedade, sita no lugar da Conceição, furtando uma porção de arame.

— Avelino dos Santos, casado, moleiro, morador na freguesia de Donim, apresentou queixa à Polícia contra Francisco Arlindo Pereira, solteiro, morador em Famalicão, pelo roubo de uma mula, no valor de 2.500$00.

# UMA CASA DO OURADO *ameaça ruína*

Existe, no largo do Ourado, uma casa, que é habitada por dezenas de pessoas, e que põe em perigo iminente a vida de tôda essa pobre gente que lá se agasalha.

As guardas das sacadas dos seus três andares desapareceram já completamente e tôda a frontaria está a desfazer-se.

Levados por pessoa amiga, que para o caso chamou a nossa atenção, fomos ver, há dias, o estranho quadro.

Na sacada do terceiro andar — se sacada se lhe pode chamar ainda! — de uma ponta à outra e suspensa em uma corda, estava roupa a secar. Uma pobre mulher atravessava as ruinosas tábuas para ir recolher alguns trapos.

Tudo aquilo nos causou espanto!

Chamamos para o assunto a atenção das Autoridades, pedindo que sejam tomadas imediatas e enérgicas providências.

A vélha habitação do largo do Ourado está a derruir!

# Venda de facas e blotas

Com o pedido de publicação recebemos da Caixa Sindical de Previdência dos Operários da Indústria de Cutelarias do Distrito de Braga, com sede na freguesia de Creixomil, dêste concelho, o seguinte:

"Para os efeitos abaixo indicados se informa os interessados de que no dia 25 do corrente, pelas 15 horas, na sede desta Instituïção, se efectua a venda em hasta pública de 158 facas e 49 blotas (à suissa), que foram apreendidas a dois operários da firma António de Oliveira, estabelecida com oficina de cutelarias no lugar da Azenha, freguesia de S. Salvador do Souto, dêste concelho, revertendo o seu produto a favor do fundo de assistência da Caixa Sindical de Previdência dos Operários da Indústria de Cutelarias do Distrito de Braga, nos termos da cláusula 30.ª do Acôrdo Colectivo de Trabalho para a mesma indústria.„

A. Gomes, Filhos & Sá
OURIVESARIA GOMES
PÓVOA DE VARZIM
Oficina de Ourivesaria — Relojoaria — Joalharia — Gravadores —

QUINTAS Vendemos nos concelhos de Guimarãis, Braga, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Felgueiras, Cabeceiras de Basto, com esplêndidas casas de senhorio e com a renda em cereais de 21, 6, 4, 5, 3, 10, 2, 9, 7, 8, 15 e 20 carros, e bem assim casas no centro desta cidade. 365
*A Auxiliadora* — R. da República, 70, Telefone, 4470.

Anunciar no «Notícias de Guimarãis» é fazer uma boa propaganda.

JOSÉ DE MELLO & C.ª
DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM
RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO
CASA FUNDADA EM 1828
TELEFONES { Escritório, 73 e Estado, 57
Agentes de Navegação, de Fabricantes e Negociantes estranjeiros e nacionais

VER PARA CRER

Papelaria — Grande sortido. Canetas de tinta permanente a pronto e a prestações com bónus. Aceitam-se encomendas de carimbos e trabalhos tipográficos.

Livraria — Sortido completo. Desconto aos Srs. Professores, Colégios, Caixas escolares, cantinas, etc., etc.

Tabacaria — Tabacos nacionais eestrangeiros, boquilhas, isqueiros, cigarreiras, etc., etc.

Valores selados — sêlos fiscais, letras e papel selado.

Lotaria Nacional — A casa que mais vezes tem vendido a sorte grande. Habilitar-se nesta casa é ter a certeza de apanhar a TALUDA. Grande sortido em bilhetes para tôdas as lotarias.

Visitem e comprem na
CASA DAS NOVIDADES
TELENFONE 4350
GUIMARÃIS

Exposição de Chapéus

CESARINA GONÇALVES & C.ª têm o prazer de participar às Ex.mas Damas Vimaranenses que realizam brevemente, num dos salões do Hotel do Toural, desta Cidade, uma atraente Exposição de Chapéus de Alta Moda, e desde já se confessam muito gratas pelas visitas com que as Senhoras se dignem distingui-las. 569

Atelier no Pôrto: R. de Santa Catarina, 301 1.º - Tel. 5648

OURIVESARIA
Aureliano Fernandes, Sucessor
Rua da República TELF. 4346
548 JOIAS — RELOGIOS — PRATAS
Objectos modernos. Preços agradáveis

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO
CASA CHAFARICA
(REGISTADA)
Correspondentes Bancários
Depositários de Tabacos e Fósforos
VINHOS BORGES & IRMÃO
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
Chás — Papelaria — Perfumarias
Mercearia fina Colonial. Sortido completo em Miudezas. Armazém de Mercearia anexo de
Francisco Pereira da Silva Quintas